

# *Voltando a Helvécia, Indo à Amazônia: Eu foi, Ele fui?*

Marilucia de Oliveira **CRAVO**<sup>1</sup>

Celiane Sousa **COSTA**<sup>2</sup>

Ana Paula Tavares **MAGNO**<sup>3</sup>

Flávia Helena da Silva **PAZ**<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Alagoas - Ufal (2007). Professora Associada IV na Universidade Federal do Pará - UFPA. Contato: mariluci@ufpa.br

<sup>2</sup> Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2019). Professora Doutora Adjunta III na Universidade Federal do Oeste do Pará - Ufopa. Contato: celiane.costa@ufopa.edu.br

<sup>3</sup> Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2020). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Pará - Seduc/PA. Contato: tavaresmagnoufpa@gmail.com

<sup>4</sup> Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2019). Professora Substituta na Universidade do Estado do Pará - Uepa. Contato: dapazhelen@yahoo.com.br

## **Resumo:**

Trata o presente artigo da concordância verbal em Helvécia, comunidade afro-brasileira localizada no Sul do estado da Bahia, Brasil, com base nos registros de Ferreira (1994) e Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), e em duas comunidades afro-brasileiras localizadas no Baixo Amazonas Paraense, Brasil, a partir dos dados de Costa (2019). Os registros dos autores são descritos e comentados, privilegiando-se a discussão do uso de *ele foi* e *ele fui*. Os resultados mostram que variantes encontradas em Helvécia, na década de 1960, também são registradas nas comunidades amazônicas, em 2016, mas que *ele fui* foi encontrado apenas nas comunidades da Amazônia. Essa variação foi identificada na fala de idosos das duas comunidades pesquisadas, Arapucu e Silêncio. A hipótese conclusiva é de que esse uso caracteriza a redução do paradigma verbal do Português Brasileiro e estaria relacionado a uma alteração ligada ao nível fonético, característica da norma popular. No presente estudo, dados são apresentados como suporte empírico dessas conclusões.

## **Palavras-chave:**

Concordância verbal. Variação. Comunidades quilombolas.

*Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 1, p. 29-41, abr. 2022*

*Recebido em: 27/01/2022*

*Aceito em: 23/05/2022*

# Voltando a Helvécia, Indo à Amazônia: *Eu foi, Ele foi?*

---

Marilucia de Oliveira Cravo; Celiane Sousa Costa;  
Ana Paula Tavares Magno; Flávia Helena da Silva Paz

## INTRODUÇÃO

Em 1986, foi publicado, em Salvador, estado da Bahia, Brasil, *Diversidade do Português do Brasil: estudos de Dialectologia Rural e Outros*, livro no qual figurava como uma das autoras a professora Carlota Ferreira<sup>5</sup>. Na nota prévia da referida publicação consta que reunia artigos e trabalhos de professores e pesquisadores de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Os trabalhos estavam ligados a dois projetos, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) e ao Atlas Prévio de Sergipe (ALS), ou, ainda, a investigações paralelas. A obra tem oito mulheres como autoras, pesquisadoras que fizeram história nos estudos sobre o Português Brasileiro, um feito difícil e admirável em tempos em que mulheres lutavam para conquistar espaço na academia.

O presente artigo destina-se a apresentar e discutir a concordância verbal em duas comunidades afro-brasileiras, comparando variações nelas documentadas com registros publicados em um estudo pioneiro, divulgado ao público em 1986<sup>6</sup>, de autoria de Carlota Ferreira, amplamente conhecido no meio acadêmico, cujos resultados estão frequentemente presentes nas discussões sobre as características do Português Brasileiro (doravante, PB). Pretendemos relacionar resultados nele apresentados a registros identificados em comunidades afro-brasileiras do Baixo Amazonas, Brasil, mais recentemente, no sentido de abordar, de forma ainda preliminar, a concordância verbal nessas comunidades. O texto de autoria de Carlota Ferreira é uma publicação muito aludida quando se trata da possibilidade de existência de crioulos ou semicrioulos no Brasil e tem, obviamente, um número elevado de citações entre os defensores das diferentes hipóteses sobre as origens do PB. E como ainda há muito que se elucidar sobre as origens do PB, até hoje se constitui uma fonte importante para a referida discussão, sendo mencionado quando das discussões a respeito das duas principais hipóteses dessa origem: a de transmissão natural e a do contato. Dentre os autores que defendem a importância do contato para o estudo das origens do PB, defendendo a existência de transmissão linguística irregular do tipo leve, o que justificaria a presença mais frequente de certas variedades em comunidades rurais, como as afro-brasileiras, estão Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009). Esses pesquisadores usam os achados de Ferreira (1994), em relação ao uso variável da concordância verbal, entre outros, para evidenciar que em comunidades mais isoladas há mais erosão no sistema de concordância (cf. LUCCHESI, 2012). Do outro lado, estão Scherre e Naro (1998), autores que defendem uma posição derivacionista, argumentando que a presença africana deve ser entendida apenas como gatilho, aceleração daquilo que já estaria previsto na língua.

Essas duas grandes hipóteses sobre o tema são unânimes em admitir a importância do trabalho de Ferreira (1994) para o conhecimento das origens do PB. Tudo isso aponta a importância do trabalho da autora, o que justifica visita ao referido texto, seja como forma de homenageá-la, seja para mostrar como os fenômenos nele apresentados têm importância para o conhecimento das origens do PB, e como eles podem ser identificados ainda hoje em comunidades quilombolas isoladas ou nas quais a escolarização ainda não impôs a norma culta.

---

<sup>5</sup> Além da referida professora, constavam como autoras no livro: Jacyra Mota, Judith Freitas, Myrian Silva, Nadja Andrade, Rosa Virgínia Silva, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg; em outras palavras, um grupo de grandes mulheres e pesquisadoras da Língua Portuguesa.

<sup>6</sup> Para o presente estudo, consultamos a segunda edição do referido livro, publicada em 1994 (FERREIRA *et al.*, 1994).

Assim, como foi dito, além de apontar algumas ocorrências identificadas em Helvécia, estado da Bahia, Brasil, pretendemos descrever e discutir alguns fatos nela identificados, também registrados, em 2016, em duas outras comunidades quilombolas localizadas no interior da Amazônia Brasileira, dando destaque à concordância verbal, em especial ao uso de “ele foi” e “ele fui”. Para tratamento e discussão desse tema, também visitaremos o estudo registrado em Lucchesi *et al.* (2009), que também investigou o falar de Helvécia.

Passemos, pois, ao Norte do Brasil, mas não sem antes fazer uma visita ao Sul da Bahia.

## 1. DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO PB: A VARIEDADE AFRO-BRASILEIRA

Em 2010, foi oficialmente instituído, pelo decreto 7.387/2010, o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) (IPHAN, 2016a; IPHAN, 2016b) que, por meio das discussões implementadas pelo Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL), instituiu seis categorias de línguas brasileiras, quais sejam: i) indígenas; ii) de imigração; iii) comunidades afro-brasileiras; iv) sinais; v) crioulas; e vi) língua portuguesa e suas variações dialetais (cf. MORELLO, 2012). As variedades encontradas no PB, obviamente, guardam uma relação fundamental com as origens do PB, as quais necessitam de uma abordagem que leve em conta não apenas a história da gramática da Língua Portuguesa, mas a história social da população que formou o Brasil. Nesse sentido, é importante destacar a contribuição dos estudos sobre contato linguístico, dada a significativa contribuição que as populações negra e indígena devem ter dado para essa diversidade (cf. LUCCHESI, 2012).

O Inventário da Diversidade Linguística (INDL) (IPHAN, 2016a; IPHAN, 2016b) representa uma política linguística e tem como objetivos principais a valorização e promoção da diversidade linguística. Essas ações só podem ser seriamente implementadas se pesquisas forem desenvolvidas no sentido de que a realidade linguística das diferentes comunidades linguísticas aqui presentes seja conhecida. Quanto a variedades afro-brasileiras, ainda muito discriminadas no Brasil, é preciso deixar às claras que as variações encontradas nas comunidades afro-brasileiras não são degeneração ou desequilíbrio da língua, pois a variabilidade é inerente à língua; esse movimento de variação e mudança se apresenta como resultado da atuação de encaixamentos internos e externos aos quais a língua é submetida.

Sobre a atuação de fatores externos, quando se trata de variedades rurais, é inconcebível não as relacionar ao contato com línguas africanas, por exemplo, já que a população negra, por diferentes motivos, foi empurrada para essas áreas. Além disso, cabe lembrar que essa população chegou a ser superior à população branca no Brasil (MATTOS SILVA, 2004). Ou seja, é preciso levar em conta a história da gramática sem perder de vista a história social dos falantes dessas comunidades.

No Brasil, segundo Camacho (2013), pode-se falar de pelo menos duas vertentes sobre as origens do PB, a base derivacionista e a do contato linguístico. Esta última é defendida por Lucchesi *et al.* (2009) em *O Português afro-brasileiro*, livro em que se apresentam resultados de anos de pesquisa realizada com base em dados oriundos de comunidades afro-brasileiras e em que se defende a transmissão linguística irregular do tipo leve. Dentre as comunidades investigadas está Helvécia que, segundo a pesquisa, apresentaria traços de um falar crioulo, com base nos registros feitos por Ferreira (1994). Os dados apresentados em Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) revelam uma Helvécia diferente da que foi visitada por Ferreira (1994), inclusive em termos da concordância verbal apresentada pela autora, o que destacaremos mais à frente.

## 2. VOLTANDO A HELVÉCIA

O relato de Ferreira (1994) sobre sua ida a Helvécia resulta de visita feita à vila em 1961, precisamente no dia 26 de fevereiro. A visita resultou da suspeita da existência de um falar crioulo na vila que se compunha de uma população predominantemente negra. A autora menciona uma lista de ocorrências registradas. Apresenta, de um lado, os fatos que considera comuns, isto é, registrados também em outras áreas rurais do Brasil, e aqueles que pareciam ser muito específicos da vila. Primeiramente, a autora lista fatos fonéticos. Ao mencionar dados da morfossintaxe, Ferreira (1994, p. 26-31) faz referência ao uso da primeira e terceira pessoas do plural com a forma verbal em terceira do singular, como em:

(1a) *nónõkri'o na'rosa*

(1b) *fi'ko'tre*

A autora apresenta esses fatos como característicos de outras zonas rurais do PB.

Na página 27, ao mencionar fenômenos fonéticos, a autora registra dados que interessam ao presente estudo, já que evidenciam o uso da forma não marcada para a primeira pessoa.

(2a) *io no 'dormi*

(2b) *io nã 'podi*

(2c) *io no 'sabi*

É no nível morfossintático, segundo Ferreira (1994), que se registraram as ocorrências de possível criouliismo. Dentre os fenômenos citados, há os que correspondem à concordância verbal de que se ocupa o presente trabalho. Nas páginas 29 e 30, a autora menciona o uso da P1 (primeira pessoa singular), com uso da forma verbal de P3 (terceira pessoa singular), o que caracteriza uma simplificação morfológica, no presente do indicativo, como nos exemplos que seguem:

(3a) *'io 'bébi*

(3b) *'io 'fas*

(3c) *'io nã'domi*

(3d) *'io 'kõmi*

(3e) *'io 'sabi*

(3f) *nã'sabi*

(3g) *'io 'vai*

Há apenas dois registros, segundo Ferreira (1994) de uso da P1 com forma verbal de P1:

(4a) *'moru*

(4b) *io 'vo*

Quanto à P3, o uso ocorreu de acordo com o paradigma verbal comum do PB, diz a autora.

Essa forma de concordar também é registrada no pretérito perfeito. Há registro de 12 casos de uso da P1 com uso da forma não marcada, como em: *io bati'zo, io esque'seu, io foi*.

A autora mostra que, no que se refere ao verbo ser, manteve-se o paradigma verbal do PB, como em:

(5a) *io so*

(5b) *ela é*

Helvécia também recebe destaque em pesquisa realizada pelo projeto Vertentes. No livro *O Português afro-brasileiro* (LUCCHESI *et al.*, 2009) são realizadas diferentes discussões com os dados coletados em Helvécia<sup>7</sup>, bem como com dados das demais localidades que servem de pontos de investigações para a formação do PB. O capítulo 14 do referido livro, intitulado “A concordância verbal”, ponto bastante discutido em análises sociolinguísticas e de grande importância nas discussões sobre contato entre línguas e formação do PB, mostra resultados dos estudos de Dante Lucchesi, Alan Baxter e Jorge Augusto Alves da Silva<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Dados coletados na década de 1990.

<sup>8</sup> Os autores apresentam os resultados e discussões subdividindo-os em três seções: 14.1 A concordância verbal com a primeira pessoa do singular; 14.2 A concordância verbal com a terceira pessoa do plural; 14.3 A concordância verbal com a primeira pessoa do plural, enfatizando o encaixamento linguístico e o encaixamento social, em cada uma dessas seções. Apesar de não fazerem uma

Em Helvécia, formas detectadas por Carlota Ferreira em 1961 ainda puderam ser encontradas, com baixa frequência, na fala de idosos entrevistados por Alan Baxter e Dante Lucchesi no ano de 1994 (LUCCHESI *et al.*, 2009, p. 93)<sup>9</sup>. Dentre essas formas está o uso da forma verbal não marcada para P1, como ocorre em: “nunca mais eu sintiu” (LUCCHESI *et al.*, 2009, p. 93). De acordo com Lucchesi, Baxter e Silva (2009),

A concordância verbal de número e pessoa ao lado da concordância nominal de número são os aspectos da gramática da língua portuguesa no Brasil que exibem os mais amplos processos de variação, distinguindo qualitativamente a variante brasileira do português da variante europeia, onde tal variação é, na melhor das hipóteses, residual e periférica. Para além de ser um dos pontos mais focalizados pelas análises sociolinguísticas, a concordância verbal está no centro dos debates acerca da relevância do contato entre línguas na formação da realidade linguística brasileira (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 331).

O detalhamento da pesquisa apresentada por Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009, p. 339) mostrou que no controle dos dados referentes à variável *Frequência geral de aplicação da regra de concordância verbal com a 1ª pessoa do singular em Helvécia - BA* teve-se para “com concordância” 82% de frequência e 18% para “sem concordância”. Exemplificadas, respectivamente, por: *eu falo / eu falei*; e *eu fala / eu falou*<sup>10</sup>. Uma diferença significativa de percentuais de frequência de uso dessas variantes que, segundo os autores, evidencia o avanço da regra de concordância verbal com a 1ª pessoa do singular na gramática da comunidade de fala.

Os resultados referentes às variáveis sociais mostraram que em relação à *faixa etária*, Helvécia apresenta

[...] um estágio avançado do processo de aquisição da regra de concordância verbal” com P1 no singular. As variáveis sexo e estada fora da comunidade corroboram o que já se tinha confirmado nos resultados referentes à variável *faixa etária*, “definindo uma tendência iminente de homogeneização dos padrões linguísticos da comunidade de fala em torno do novo sistema com a concordância verbal. [...] (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 346).

Em Lucchesi *et al.* (2009), quando se trata da concordância verbal, não há alusão ao uso de “ele fui” em relação aos verbos ir e ser. É justamente sobre esse uso que queremos nos debruçar. Em duas das comunidades pesquisadas na Amazônia, Silêncio e Arapucu, identificou-se o uso da forma verbal não marcada *foi* para a P1, tal como em Helvécia, mas com os verbos ser e ir. Além disso, diferentemente de Helvécia, foi identificado o uso de *ele fui*, *eu foi*. Em Helvécia, de acordo com Ferreira (1994), há registro de *fu* para P1, mas não para ele/ela, tu, a gente<sup>11</sup> (cf. FERREIRA, 1994, p. 31). Passemos, então, do Sul da Bahia ao Norte do Brasil.

### 3. COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS NA AMAZÔNIA

Os dados apresentados neste estudo advêm de Arapucu e de Silêncio, comunidades afro-brasileiras localizadas no município de Óbidos, estado do Pará, Brasil, na Mesorregião do Baixo Amazonas. A sócio-história das comunidades afro-brasileiras presentes nessa porção paraense da Amazônia tem por marco o avanço da ocupação portuguesa motivada pelo domínio do território e por interesses econômicos (FUNES, 1995). A força do trabalho negro efetivou-se nessa região a partir da segunda metade do século XVIII e grande

---

seção específica para a concordância verbal com a terceira pessoa do singular, conforme expõe-se mais à frente, há sempre uma referência a esses casos de concordância. Os autores ressaltam, ainda, que no passado era possível ocorrer variação na forma não marcada da terceira pessoa do singular com usos relacionados a diferentes pessoas do discurso. No entanto, houve um reduzido nível de variação com esses usos, ao longo dos anos, entre os falantes do PB afro-brasileiro, tornando esse fenômeno raro.

<sup>9</sup> Ver capítulo *O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas*, escrito por Dante Lucchesi, Alan Baxter, Jorge Augusto Alves da Silva e Cristina Figueiredo, do livro *O português afro-brasileiro* de Lucchesi *et al.* (2009).

<sup>10</sup> Essa concordância é totalmente compreensível e recorrente em comunidades onde resistem variedades afrodescendentes. É também uso comum que resulta de contatos linguísticos.

<sup>11</sup> Em artigo que se encontra em preparação mostramos que “fu” ocorre com: eu, tu, ele, a gente.

parte procedia da etnia bantu, segundo o autor. No Baixo Amazonas Paraense, a trajetória do povo negro no tempo e no espaço é marcada por conflitos, perdas, resistências. Exemplo disso ainda hoje é a luta pela terra e por direitos.

Arapucu apresenta uma área de 777,91 hectares (ainda não titulada), em que residem 79 famílias quilombolas as quais mantêm-se do cultivo da mandioca, da produção de farinha e da pesca. Silêncio, juntamente com outras 10 comunidades afro-brasileiras, integra o território da Área das Cabeceiras; foi titulada no ano 2000 com uma área total de 17.189,693 hectares. Em Silêncio, residem 156 famílias que vivem da produção e comercialização da mandioca, da farinha e do milho, bem como da pesca. Como se pode constatar, ambas as comunidades apresentam hábitos rurais.

O acesso a Arapucu e Silêncio pode ser feito tanto pelo rio quanto pela estrada. Arapucu é uma das comunidades afro-brasileiras mais próximas do perímetro urbano de Óbidos. Considerando a via terrestre, Arapucu está localizada a aproximadamente 17 km da área urbana do município, e Silêncio, por sua vez, está situada a mais de 100 km.

Arapucu e Silêncio foram comunidades investigadas em trabalho de tese de doutoramento referente à variação lexical em comunidades afro-brasileiras do Baixo Amazonas (COSTA, 2019). Aqui, estuda-se a variação no uso da concordância verbal para os verbos *ir* e *ser* no pretérito perfeito, abordando-se, especialmente, P1 (primeira pessoa do singular) e P3 (terceira pessoa do singular). Os dados são provenientes de conversas com temas semidirigidos, coletados em 2016, seguindo o critério pluralidade dos entrevistados<sup>12</sup> estabelecidos pela Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998), o que significa que as entrevistas ocorreram em pares com pessoas do mesmo perfil social. A amostra constituída para as comunidades Arapucu e Silêncio contou com entrevistados com perfil da geração mais velha (GII), homens e mulheres acima de 50 anos, não escolarizados (Se) e escolarizados (Ce). A escolaridade considerada foi ensino fundamental ou algum contato com letramento. Nas duas comunidades, as escolas têm mais de 47 anos e contam, atualmente, com ensino infantil, fundamental e médio modular. Ambas atendem outras comunidades quilombolas. A escola de Silêncio conta também com o Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Em Arapucu, quatro pessoas foram entrevistadas, sendo um homem e uma mulher com escolaridade e duas mulheres sem escolaridade. Em Silêncio, cinco pessoas foram entrevistadas, sendo um homem e uma mulher com escolaridade, e um homem e duas mulheres sem escolaridade.

#### 4. EU FOI, ELE FUI EM ARAPUCU E SILÊNCIO

Em Silêncio, foram identificadas formas como “Passado dias *eu foi...*” (GIICe). Esse uso inflexional é comum e frequentemente quando da formação de crioulos; caracteriza-se pelo uso da forma não marcada, utilizada para diferentes pessoas verbais; ainda hoje é encontrado, já com pouca frequência, em comunidades quilombolas que usam uma variedade afro-brasileira (cf. LUCCHESI *et al.*, 2009). Além desse uso, foi registrado, em 2016, *ele fui*, como em “porque *ele fui* embora daqui eu num sei...” (GIISe).

Com base em registros linguísticos dessas duas comunidades afro-brasileiras situadas no município de Óbidos (PA), na Amazônia, foi possível identificar algumas realizações particulares quanto à concordância verbal. Assim como fora observado por Ferreira (1994), na comunidade de Helvécia (BA), as comunidades tradicionais aqui analisadas também apresentaram um uso curioso das flexões verbais, havendo alternância para as 1ª e 3ª pessoas do singular, tema deste estudo, principalmente em se tratando do verbo *ir*, quando flexionado no modo indicativo e no pretérito perfeito, como é mostrado nos exemplos a seguir.

(6a) “...Dois vez<sup>13</sup>. Uma vez eu **fui**... eu **fui** pescar” (ARAPUCU, GIICe, linha 61).

<sup>12</sup> O critério “pluralidade dos entrevistados” prevê a realização de entrevistas em grupos. O objetivo é aumentar a representatividade e a frequência de comentários metalinguísticos (THUN, 1998).

<sup>13</sup> Exemplo de concordância nominal que também seria representativa de transmissão linguística irregular.

(6b) “Aí teve um tabalho dum senhô assim ganhando dinheiro né **eu foi** pra lá” (SILÊNCIO, GISe-Mulher, linhas 81-82).

(6c) “Aí um curumim **fui**” (ARAPUCU, GIICe-Mulher; linha 418).

É possível observar, nos exemplos apresentados, que a flexão do verbo *ir* na 1ª pessoa do singular, no modo indicativo, pretérito perfeito, segue o paradigma verbal culto do português brasileiro: “eu fui”, mas também há uso de “eu foi”, embora tenha ocorrido uma única vez entre os dados, o que caracteriza o uso da forma não marcada para P1. Sendo assim, esses resultados indicam que esse uso não marcado é apenas esporádico nessas comunidades? É o tratamento dos resultados de P3 que pode nos dar pistas sobre isso.

Com relação à flexão do mesmo verbo, para a P3, constatou-se duas possibilidades de concordância: “ele foi”, “ele fui”. Como nos exemplos que seguem, para Arapucu:

(7a) “Quem colocô esse nome para mim **fui** a minha avó” (linhas 7-8).

(7b) “Bem, quando **foi** um dia -- q’eu gosto de pescá também, gosto de pescá, mermo agora q’eu tô com essa idade mas eu gosto de pesca” (linhas 89-90).

Há exemplos dessa variação também em Silêncio:

(8a) “Aí o **meu pai foi** uma nuite disque...” (linha 216).

(8b) “E **ele foi** subiu lá:: numa (empeneira) que a gente (ficava) lá no terreno dele” (linha 252).

O uso de “foi” e *fui* ocorreu de forma variável nessas comunidades e na fala dos colaboradores, ou seja, o mesmo colaborador pode alternar entre o uso de “foi” e “fui”, para P3, como em:

(9) “E aí **fui** chegando a tarde aquela dor **foi** aumentando” (SILÊNCIO, GISe-Mulher; linha 93).

Em Arapucu, o uso de *fui* ocorre nos dois sexos e entre escolarizados e sem escolaridade. Já em Silêncio, ocorre entre homens e mulheres, mas só entre os não escolarizados, resultado que já pode nos dar pistas sobre o efeito da escolaridade nesse uso, considerado representativo de comunidades rurais.

É válido ressaltar que essa variação observada para P3 ocorreu entre os falantes com mais de 50 anos, ou seja, os mais velhos, tal como registrado no estudo de Ferreira (1994), uma vez que a autora afirma que é na fala dos mais velhos que se encontram as marcas remanescentes dos falares crioulos, como pode ser constatado no trabalho realizado na comunidade de Helvécia (BA); resultado esse que se repete nas comunidades afro-brasileiras analisadas na presente investigação.

Ainda sobre a concordância verbal nessas comunidades tradicionais localizadas na região amazônica, embora não sejam o foco do presente estudo, foram encontrados outros registros curiosos. Trata-se da variação observada para a forma “a gente”, em que foi identificada a ocorrência de “a gente fui”.

(10) “e a escama dela aí que **a’ente** (= a gente) **fui**... eu fui sabê também né” (ARAPUCU, GIICe, linhas 161-162).

Esse uso foi também atestado para “tu fui”, como se constata no exemplo que segue:

(11) “Eu nem lembo mais como a gente dizia, o certo é que a gente fazia uma contage ali, “quem saiu **fui** tu...” (linhas 227-229; ARAPUCU, GIICe-Homem).

No que concerne ao verbo *ser*, flexionado no modo indicativo e no pretérito perfeito, também foi possível constatar a variação entre as formas para a terceira pessoa do singular e a terceira do plural (P6). Nos dados analisados, constatou-se o uso das flexões *foi/fui* para reportar um acontecimento passado, sem haver, necessariamente, a especificação da pessoa do discurso, em que a forma verbal é utilizada exclusivamente para indicar um tempo decorrido, como em “**Foi** isso que aconteceu”, também sendo possível a forma “**Fui** isso que aconteceu”. Em relação à P6, temos, como segue:

- (12) “...eh então **fui** essas cosa só, o::tas cusa que se deu assim:: otos poblema” (ARAPUCU, GIICe, linha 202).

Os resultados apresentados quanto ao uso de “eu foi” evidenciam uma variedade característica de comunidades afro-brasileiras, no entanto, o uso de “ele fui” apresenta-se mais particular, sem ocorrência de muitos registros em outras comunidades, pelo menos no levantamento, ainda precário, que realizamos. Nelas há registros de uso da forma verbal *foi* para diferentes pessoas verbais, embora isso já seja menos frequente nos dias atuais por conta do processo de homogeneização pela qual passa a norma popular em favor da norma culta. Em Arapucu e Silêncio há maior frequência para o uso de “ele fui” o que poderia ser, equivocadamente, entendido como formal verbal de P1. Isso caracterizaria uma redução verbal diferente da que costuma ser adotada quando da redução do paradigma verbal do PB (cf. LUCCHESI, 2012). Nessas comunidades, o paradigma verbal está sendo reduzido em favor de *fui* e não de *foi*?

De posse desses resultados, decidimos refletir sobre quais são as motivações para o uso de *eu fui* e não *eu foi* no paradigma verbal dessas comunidades. Scherre e Naro (1998), ao defenderem a visão derivacionista, reforçam que as alterações encontradas no PB já estão previstas na língua, não sendo, portanto, um resultado de formação de crioulos ou contato linguístico. Segundo os autores, o contato só teria desencadeado os fenômenos. *Grosso modo*, a perspectiva do contato, que tem um dos mais eminentes defensores Lucchesi (2015), afirma que o estudo da gramática atrelado ao estudo da sócio-história dessas comunidades podem dar pistas das origens do PB. O autor defende a transmissão linguística irregular argumentando em favor do contato linguístico.

Assumimos, aqui, que investigar comunidades quilombolas implica necessariamente alusões aos contatos. Defendemos que o contato, o estudo da sócio-história do português brasileiro devem dar pistas importantes para a compreensão do PB em comunidades quilombolas e do PB em geral, entretanto, há que se buscar elementos para apontar caminhos para a compreensão das variantes encontradas também na estrutura da língua. No Português arcaico esse uso já era registrado. É possível encontrar essa alternância no *Atlas Linguístico da Galiza - ALGA* (FERNÁNDEZ REI, 1990, mapa 361). Dito isso, suspeitamos que o uso de *ele fui*, nessas comunidades, caracteriza uma espécie de interface entre morfossintaxe e fonologia. Ou seja, o uso de *ele fui* estaria associado ao alçamento de /o/, nas localidades pesquisadas, que passa a realizar-se como [u]. Assim, essa variação, internamente falando, poderia estar ligada a questões fonético-fonológicas. Por isso, decidimos fazer um breve levantamento do alçamento das vogais nas comunidades investigadas, incluindo-se nele a vogal dos ditongos. Os resultados revelam que o alçamento de vogais é a norma nas comunidades investigadas. Nos dados dos falantes idosos que usam “ele fui” podem-se encontrar, entre outras, formas como [ˈnujtʃi], [ˈtudaˈnujtʃi], [aˈxuʃ], [vuˈvu], [viuˈlẽw] e [juˈga], respectivamente para noite, toda noite, arroz, vovô, violão e jogar. Segue, na próxima página, um quadro resumido, mas ainda não exaustivo, de algumas formas representativas do alçamento encontradas nas comunidades pesquisadas.



**Quadro 1** - O alçamento de vogais em ditongos, monotongos e hiatos.

	Ditongo	Monotongo	Hiato
Arapucu - GISe	<i>cuisa</i> (coisa), <i>nuite</i> (noite), <i>duis</i> (dois), <i>puis é</i> (pois é)	<i>cusa</i> (coisa), <i>mudú</i> (mudou), <i>ensinú</i> (ensinou), <i>depu</i> (depois), <i>rubaru</i> (roubaram), <i>casú</i> (casou), <i>pucu</i> (pouco), <i>pegú</i> (pegou), <i>ficú</i> (ficou), <i>cumprú</i> (comprou), <i>passú</i> (passou), <i>tirú</i> (tirou), <i>tú</i> (estou), <i>utra</i> (outra)	<i>persua</i> (pessoa)
Arapucu - GIICe	<i>abençuu</i> (abençou), <i>boa nuite</i> (boa noite)	<i>cusa</i> (coisa), <i>despachú</i> (despachou), <i>uta</i> (outra), <i>boa nute</i> (boa noite)	<i>abençue</i> (abençoe)
Silêncio - GISe	<i>cuisa</i> (coisa), <i>duis</i> (dois), <i>nuite</i> (noite)	<i>pegú</i> (pegou), <i>entrú</i> (entrou), <i>rudú</i> (rodou), <i>mudú</i> (mudou), <i>chegú</i> (chegou), <i>secú</i> (secou), <i>mandú</i> (mandou), <i>passú</i> (passou), <i>matúr</i> (matou), <i>sú</i> (sou), <i>vú</i> (vou), <i>puca</i> (pouca), <i>dus</i> (dois), <i>depus</i> (depois), <i>nute</i> (noite)	<i>viulão</i> (violão), <i>persua</i> (pessoa)
Silêncio - GIICe	<i>cuisa</i> (coisa)	Sem ocorrência	Sem ocorrência

Fonte: as autoras.

O Quadro 1 apresenta vários exemplos que evidenciam o alçamento de vogais em diferentes contextos. Eles podem ser identificados em ditongos, em ditongos quando são monotongados, e mesmo em hiatos.

O alçamento nas comunidades investigadas também pode ser detectado em vocábulos que apresentam diferentes tonicidades. Comumente, no PB, ocorre alçamento das médias em posição pretônica, final. É possível identificá-lo também entre as postônicas não finais, embora com menor frequência. Não é tão comum encontrá-lo em sílaba tônica, mas em Silêncio e Arapucu pode-se encontrar em sílabas tônicas em posição inicial: toda, (tuda); medial: esposa (ispusa) e final: avô (avú), como atesta o Quadro 2.

**Quadro 2** - O alçamento em sílabas com diferentes tonicidades.

	Pretônica	Tônica	Postônica
Arapucu - GISe	<i>encustava</i> (encostava), <i>mudinba</i> (modinha), <i>bunito</i> (bonito), <i>murava</i> (morava), <i>muradó</i> (morador)	<i>isis</i> (esses), <i>tuda</i> (todas), <i>fugu</i> (fogo)	<i>tavu</i> (estávamos)
Arapucu - GIICe	<i>acuntecia</i> (acontecia), <i>mulhadu</i> (molhado), <i>ulhando</i> (olhando), <i>dubei</i> (dobrei), <i>chucô</i> (chocou), <i>afugado</i> (afogado), <i>murava</i> (morava), <i>subrado</i> (sobrado), <i>cunfiança</i> (confiança)	<i>butu</i> (boto), <i>nuvu</i> (novo), <i>canua</i> (canoa), <i>agustu</i> (agosto)	<i>tinbu</i> (tinham), <i>vinbu</i> (vinham), <i>difçu</i> (difícil)
Silêncio - GISe	<i>murava</i> (morava), <i>muró</i> (morou), <i>murá</i> (morar), <i>dubrava</i> (dobrava), <i>vurtei</i> (voltei), <i>ulhava</i> (olhava), <i>tumava</i> (tomava), <i>urelha</i> (orelha), <i>prumessa</i> (promessa), <i>rivista</i> (revista), <i>ivuluído</i> (evoluído), <i>ivangélicu</i> (evangélico)	<i>avú</i> (avô), <i>unde</i> (onde), <i>tuda</i> (toda), <i>murtu</i> (morto), <i>arruz</i> (arroz), <i>ispusa</i> (esposa), <i>tucu</i> (toco), <i>buca</i> (boca), <i>pulu</i> (pelo), <i>huje</i> (hoje), <i>fulha</i> (folha), <i>às viz</i> (às vezes)	Sem ocorrência
Silêncio - GIICe	Sem ocorrência	Sem ocorrência	Sem ocorrência

Fonte: as autoras.

O acento vocálico se manifesta em diferentes modos e tempos verbais.

**Quadro 3 - O acento em diferentes modos e tempos verbais.**

<b>Presente</b>	“Como eu que assim já na velhice, já:: da idade <b>q’estú</b> ((= que eu estou)) 79 anos já sentindo certas dores” (Arapucu, GIICe, linhas 221-223) “E::u <b>sú</b> daqui q’inda ((= que ainda)) tô cuntando me lembrando alguma coisa ((riso))” (Arapucu, GIICe, linhas 249-250) “Mas tem pessoas aqui que... <b>pássu</b> ((=passa)) às vez dia e nuite no lago” (Silêncio, GIICe, linhas 256-258)
<b>Pretérito</b>	“Ela tinha uma colega e:: rompeu a música ela <b>pegú</b> a... a colega dela e <b>furam</b> dançá” (Silêncio, GIICe, linha 483)
<b>Futuro</b>	“Pa::... quando <b>fusse</b> no tempo da festa, tê cumo acendê as... aquelas candeia né” (Silêncio, GIICe, linhas 284-285)
<b>Imperativo</b>	“ <b>Andu</b> ((= anda)) vai... ajeita lá” (Silêncio, GIICe, linha 126)

Fonte: as autoras.

Os dados das comunidades investigadas evidenciam que o acento é a norma usada pelos idosos. Seu uso se estende aos usos dos verbos *ser* e *ir*, como se detecta no Quadro 4:

**Quadro 4 - O acento nos verbos *ir*, *ser* e *fazer*.**

<b>Verbo <i>ir</i> - pretérito</b>	<b>Verbo <i>ser</i> - pretérito</b>	<b>Verbo <i>fazer</i> - pretérito</b>
a) “A senhora já <b>fui</b> pa lá po Silêncio?” (Silêncio, GIICe, linha 464) b) “Então ela saiu com tudo isso na costa e <b>fui</b> levando que... tá certo, eu penso assim que se fosse só o capim que tivesse andando assim ele num ia sai daí né” (Arapucu, GIICe, linhas 122-123) d) “ái um curumim <b>fui</b> ” (Arapucu, GIICe, linha 418) e) “Murto assim, porque <b>ele fui</b> embora daqui eu nu sei... s’ele é vivo ou morto” (Silêncio, GIICe, linhas 482-483)	a) “Quando <b>fui</b> de manhã eles vieru nem sinal do capim, o capim subiu:: fui pra... pr’esse ((= para esse)) que chamo Furo, logo ali né...” (Arapucu, GIICe, linhas 108-109) b) “Quando <b>fui</b> ali pu volta duma hora eu cumecei a sentí uma ferrada assim” (Silêncio, GIICe, linha 84) “olha: a minha mulhé nu <b>fui</b> uma mulhé ruim comigo” Arapucu, GIICe-Homem (linhas 269-270)	a) “nós tinha casa essa uma já é do meu filho q’eu dei pr’ele, que dizê que <b>ele fiz</b> a casa” (Arapucu, GIICe, linhas 313-314) b) “E aí... meu pai murô uns tempo aqui cum:: a sogra dele, depus não deu certo ele foi prucurô... saí né e já <b>fiz</b> uma casa ali mais pra fora e nós fumu ((=fomos)) pra lá murá ((=morar))” (Silêncio, GIICe, linhas 147-149)

Fonte: as autoras.

Como se pode notar, há acento vocálico nos verbos *ir* e *ser*. Essa prática também se estende ao verbo *fazer* no pretérito perfeito, *ele fiz*. Tudo isso corrobora nossa hipótese sobre *ele fui* ser uma forma material do acento da vogal, sendo, portanto, uma variação fonética da forma não marcada *ele foi*, tanto que se manifesta até em *a gente fui, fui tu, ele fiz* e em P6, como destacado no exemplo em 12. Voltando à pergunta feita anteriormente (seção 4), poderia haver bem mais uso da forma não marcada para P1 do que se cogita, evidência disso é a presença de *eu foi* entre os dados. *Eu foi* poderia estar se realizando com uma variação fônica, materializando-se como *eu fui*.

Esses resultados e conjecturas não implicam dizer que essa variação tem motivação determinada pela estrutura gramatical. Seu uso, aparentemente, estaria ligado só a um efeito interno, mas entendemos que ele se

subordina à atuação de fatores ligados à sócio-história das comunidades afro-brasileiras. O uso de *fui* no *corpus* analisado caracteriza duplamente a norma usada nas comunidades rurais pesquisadas, usuárias da norma popular que, nas palavras de Lucchesi (2015), caracteriza uma vertente da polarização sociolinguística desencadeada pelo *apartheid* social existente no Brasil. Essa dicotomia em relação às variedades cultas e populares usadas no País é também corroborada por Guy (1981). Reiteramos que o contato deve estar na base da diferença registrada. Temos o paradigma verbal alterado, com supressão dos morfemas de número e pessoa, ao mesmo tempo em que se dá uma alteração fônica, também já atestada em outras comunidades rurais, realizando-se a forma *foi* como *fui*.

O fato de essa variação ser registrada em comunidades afro-brasileiras que mantêm tradições rurais (cf. COSTA, 2019) e estar presente sobretudo entre os falantes idosos corrobora a posição de Lucchesi (2012) quanto a se manifestarem com maior produtividade em áreas rurais, onde o contato teria sido mais intenso, espaço hoje ocupado por comunidades afro-brasileiras.

Uma questão curiosa que não temos condições de responder nesse momento diz respeito ao fato de as duas comunidades apresentarem diferença significativa em relação à distância do centro urbano, mas apresentarem esse uso próprio de comunidades rurais em isolamento, como prevê Lucchesi (2012). Arapucu fica a apenas 17 quilômetros do centro urbano de Óbidos, enquanto Silêncio está a mais de 100 quilômetros. Mesmo assim, ambas apresentam usos linguísticos mais característicos de comunidades isoladas. Talvez esse uso esteja preservado entre os falantes mais idosos que mesmo estando mais próximos da área urbana podem manter-se isolados, submetendo-se menos ao contato com o centro urbano, mantendo a norma que adquiriram. No mais, o conceito de isolamento não deve ser ligado apenas a questões físicas, espaciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tratou, de forma comparativa, do uso da concordância verbal dos verbos *ir* e *ser*<sup>14</sup>. Os resultados cotejados foram extraídos de Ferreira (1994) e Lucchesi *et al.* (2009), para Helvécia; já os referentes às comunidades quilombolas da região amazônica, Arapucu e Silêncio, foram extraídos de Costa (2019). Nessas duas comunidades, além dos registros identificados em Helvécia por Ferreira (1994), em relação à concordância verbal de P1 e P3, há ocorrência caracterizada, aparentemente, pelo uso de P3 com a forma verbal de P1. A hipótese conclusiva a que chegamos é de que essa variação é característica de comunidades afro-brasileiras e que deve ser investigada considerando-se a interface entre níveis, ressaltando-se o efeito da variação no nível fonético em sua realização, já que há evidência de que o alçamento da vogal é a norma nas comunidades investigadas, o que possibilita o uso da forma *fui*, inclusive para *a gente*. Trata-se da simplificação do paradigma verbal, com uso da forma não marcada, como previsto e registrado nos estudos sobre contato, formação de crioulos e semicrioulos que sofre uma alteração fonética representada pelo alçamento da vogal [o], seguindo-se a norma das comunidades pesquisadas. A variação registrada é comum nos dados de fala de pessoas idosas. Helvécia e as comunidades amazônicas pesquisadas apresentaram, entre os mais idosos, marcas que poderiam caracterizar um português afro-brasileiro, hoje já pouco encontradas nas áreas rurais do Brasil devido à influência dos padrões linguísticos urbanos.

No último parágrafo do texto sobre Helvécia, antes da apresentação das notas, Carlota Ferreira (1994) diz do seu desejo de voltar a Helvécia:

“Pretendíamos voltar a Helvécia, numa expedição científica para uma ampla e intensa recolha de dados. Sobraram bons propósitos, faltaram-nos recursos financeiros. Ciência custa dinheiro e poucos financiam pesquisas linguísticas” (FERREIRA, 1994, p. 32).

---

<sup>14</sup> Alcançado nosso objetivo, que era descrever e comparar alguns registros relativos à concordância verbal identificados em Helvécia e em comunidades quilombolas localizadas na Amazônia, e devido aos limites de tempo e espaço para a feitura deste artigo, informamos que estudo de natureza quanti-qualitativa mais específico sobre o tema está em andamento, a fim de testarmos o efeito de variáveis internas e externas sobre a variação investigada. Será, em breve, tema de um próximo artigo.

Alguns aspectos mencionados nesse trecho parecem inalterados, especialmente no que se refere ao financiamento da ciência na atual conjuntura em que vive o País. De outra parte, cabe ressaltar que seu discurso continuou seguido de resistência, pois ela e outras colegas que compõem o livro *Diversidade do Português do Brasil: estudos de Dialectologia Rural e Outros*, dentre os muitos feitos realizados no percurso acadêmico, conseguiram concretizar o sonho de publicação do *Atlas Lingüístico do Brasil*. Por fim, talvez não soubesse, à época, que muitos foram e iriam a Helvécia motivados pelos seus sonhos e trabalho. Hoje, voltamos a Helvécia e fomos à Amazônia, onde se encontra *ele foi e ele foi*, a fim de trazer mais uma contribuição para o estudo das origens e descrição do PB, e para homenagear Carlota Ferreira pelo trabalho pioneiro que ajudou a trazer luz para muitas questões relativas a essa discussão.

## REFERÊNCIAS

- CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo. Parábola. 2013.
- COSTA, Celiane Sousa. *Varição e territorialização linguísticas: um estudo geolinguístico da diversidade lexical em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas*. 2019. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Teoria Literária) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- FERNÁNDEZ REI, Francisco (coord.). *Atlas lingüístico galego*. Morfoloxía verbal. V. I, 1-2. Directores: Constantino García e Antón Santamarina. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1990.
- FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. In: FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; SILVA, Myrian; ANDRADE, Nadja; SILVA, Rosa Virgínia; ROLLEMBERG, Vera; FREITAS, Judith. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: EDUFBA, 1994. p. 21-32.
- FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; SILVA, Myrian; ANDRADE, Nadja; SILVA, Rosa Virgínia; ROLLEMBERG, Vera; FREITAS, Judith. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: EDUFBA, 1994.
- FUNES, Eurípedes Antônio. “*Nasci nas matas, nunca tive senhor*”: história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de São Paulo, SP, São Paulo, 1995.
- GUY, Gregory Riordan. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese, aspects of the phonology, syntax, and language history*. 1981. Dissertation (Graduate School of Arts and Sciences) - University of Pennsylvania, Philadelphia, PA, 1981.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. *Guia de pesquisa e documentação: patrimônio cultural e diversidade linguística*. Brasília, DF: IPHAN, 2016a. v. 1. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/indl\\_guia\\_vol1.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/indl_guia_vol1.pdf). Acesso em: 11 jul. 2021.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. *Guia de pesquisa e documentação: formulário e roteiro de pesquisa*. Brasília, DF: IPHAN, 2016b. v. 2. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/indl\\_guia\\_vol2.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/indl_guia_vol2.pdf). Acesso em: 11 jul. 2021.
- LUCCHESI, Dante. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. *Estudos de Lingüística Galega*, Santiago de Compostela, n. 4, p. 45-65, jul. 2012. Disponível em: <http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/view/403/400>. Acesso em: 11 jul. 2021.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da; FIGUEIREDO, Cristina. O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. *In*: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 75-100.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MATOS SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MORELLO, Rosângela. Uma política pública e participativa para as línguas brasileiras: sobre a regulamentação e a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). *Revista Gragoatá*, Niterói, Rio de Janeiro, v. 17, n. 32, p. 31-42, 2012. Disponível em: <http://www.uff.br/revistagragoata/ojs/index.php/gragoata/article/view/114/90>. Acesso em: 11 jul. 2021.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística românica: um balance. *In*: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. (ed.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: akten des symposiums zur empirischen dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl, 1996. p. 25-49.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. *In*: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1998, Palermo, Itália. *Atti [...]*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. v. 5, p. 509- 523. Tema: Dialettologia, geolinguística, sociolinguística.

THUN, Harald. La geolinguística como lingüística variacional general (com ejemplos Del atlas lingüístico diatópico y diastrático Del Uruguai). *In*: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 22., 1998, Bruxelles. *Actes [...]*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.